



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

KEVEN JORDAN SOUZA SILVA

**O NEXO ENTRE RESENTIMENTO, MEMÓRIA E CULPA NA GENEALOGIA
DA MORAL DE NIETZSCHE**

**CAMPINA GRANDE
2023**

KEVEN JORDAN SOUZA SILVA

**O NEXO ENTRE RESENTIMENTO, MEMÓRIA E CULPA NA GENEALOGIA DA
MORAL DE NIETZSCHE**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Artigo) Apresentado à Coordenação
do Curso de Filosofia da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do grau de
licenciado em Filosofia.

Área de concentração: Filosofia
Contemporânea

Orientador: Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda

**CAMPINA GRANDE
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586n Silva, Keven Jordan Souza.
O nexó entre ressentimento,
memória e culpa na genealogia da moral de Nietzsche [manuscrito] /
Keven Jordan Souza Silva. - 2024.

26 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de
Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da
Paraíba, Centro de Educação, 2024.

"Orientação : Prof. Dr. José
Nilton Conserva de Arruda, Coordenação do Curso de Filosofia -
CEDUC. "

1. Memória. 2. Culpa. 3.

Ressentimento. 4. Moral. I. Título

1. ed. CDD 193

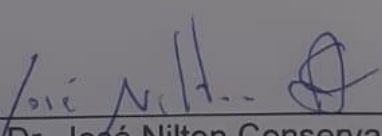
KEVEN JORDAN SOUZA SILVA

O NEXO ENTRE RESENTIMENTO, MEMÓRIA E CULPA NA GENEALOGIA
DA MORAL DE NIETZSCHE

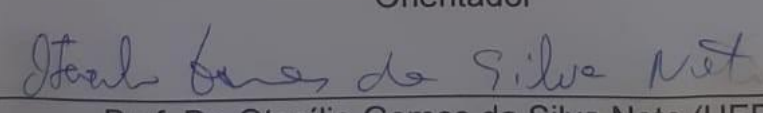
Trabalho de Conclusão de Curso
(Artigo), apresentado à Coordenação
do Curso de Filosofia da
Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do
grau de Licenciado em Filosofia.

Aprovada em: 01 / 12 / 2023

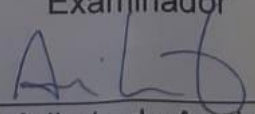
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda (UEPB)
Orientador



Prof. Dr. Otacílio Gomes da Silva Neto (UEPB)
Examinador



Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho (UEPB)
Examinador

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	A GÊNESE DOS VALORES MORAIS: A MORAL ARISTOCRÁTICA E A ESCRAVA.....	6
3	O CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO DOS VALORES: A VIDA ENQUANTO VONTADE DE POTÊNCIA.....	10
4	O PAPEL DA MEMÓRIA NA GÊNESE DA CULPA: A TRANSFORMAÇÃO DO TIPO ATIVO EM CULPADO NA ANTROPOPOIESE.....	12
5	A TRANSFORMAÇÃO DO TIPO RESSENTIDO EM CULPADO: A OUTRA ORIGEM DA CULPA.....	15
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	16
	REFERÊNCIAS.....	17

O NEXO ENTRE RESENTIMENTO, MEMÓRIA E CULPA NA GENEALOGIA DA MORAL DE FRIEDRICH NIETZSCHE.

THE NEXUS BETWEEN RESENTMENT, MEMORY AND GUILT IN FRIEDRICH NIETZSCHE'S GENEALOGY OF MORALS.

Keven Jordan Souza Silva¹
José Nilton Conserva de
Arruda²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo investigar a relação existente entre ressentimento, memória e má consciência no pensamento de Nietzsche, mais especificamente na obra *Genealogia da Moral: uma polêmica*. Nesse sentido, apresentaremos, a partir da análise filológica e do método genealógico proposto na obra, como se formam os conceitos morais de *bom* e *mau* e como ocorre a transvaloração dos valores por meio do ressentimento. Assumindo esse pressuposto, compreenderemos como se dá a formação da memória por meio da necessidade de se fazer promessas e o consequente conceito de *dívida* (*Schuld*) que gera a responsabilidade. Nessa perspectiva, apresentamos a origem e desenvolvimento da má-consciência e da culpa a partir da repreensão dos instintos de vida no processo civilizatório. Verificaremos também a sua evolução a partir da atuação do sacerdote ascético, cuja atuação inverte o rumo do ressentimento para o próprio ressentido, dando a culpa um novo sentido mais interiorizado que passa a ser identificado como pecado.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; Culpa; Ressentimento; Moral.

ABSTRACT

The present work aims to investigate the relationship between resentment, memory and bad conscience in Nietzsche's thought, more specifically in the work *Genealogy of Morals: a controversy*. In this sense, we will present, based on the philological analysis and the genealogical method proposed in the work, how the moral concepts of good and bad are formed and how the transvaluation of values occurs through resentment. Assuming this assumption, we will understand how memory is formed through the need to make promises and the consequent concept of debt (*Schuld*) that generates responsibility. From this perspective, we present the origin and development of bad conscience and guilt based on the rebuke of life instincts in the civilizing

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, keven.silva@aluno.uepb.edu.br

² Doutor em Ensino, Filosofia e História das Ciências pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)/Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), niltonconserva@servidor.uepb.edu.br

process. We will also verify its evolution based on the action of the ascetic priest, whose action reverses the direction of resentment for the resentful person himself, giving guilt a new, more internalized meaning that becomes identified as sin.

KEYWORDS: Memory; Fault; Resentment; Moral.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho assume como objetivo apresentar a relação entre os conceitos de *ressentimento*, *memória* e *culpa* na obra *Genealogia da moral* de Friedrich Nietzsche. Buscaremos compreender a essência dos valores morais a partir do método genealógico, cuja proposta de análise consiste em procurar identificar o que possibilitou a gênese dos valores morais, tomando como base dois distintos tipos morais - a moral aristocrática e a moral escrava - e refazendo o caminho pelo qual o ressentimento vingativo da moral escrava transforma a moral aristocrática - ativa, viril, sadia, afirmativa - criada da própria espontaneidade de sua valoração, em uma moral reativa, doente, ressentida. Essa dinâmica de transformação, nomeada pelo filósofo como *transvaloração de valores*, faz com que o que antes era bom tornar-se mau, e o bem é transmutado em ruim. A dominação e persistência desse modelo de inversão de valores na cultura ocidental, desde o mundo clássico até a contemporaneidade de Nietzsche, é interpretada como um processo de decadência.

Cabe a Nietzsche em sua genealogia não apenas diagnosticar a gênese dos valores, mas também avaliar o valor desses valores. Não assumindo em seu método fundamentação metafísica ou valoração moral, nosso autor tem na própria vida o critério para a avaliação desses valores, considerando aqui a vida enquanto *vontade de potência*, a força motriz de toda a vida, a vontade de se estabelecer e adquirir poder, comum a todo elemento da vida. Compreenderemos as razões pelas quais o filósofo alemão dá primazia hierárquica aos instintos fortes e ativos em relação aos instintos reativos.

A partir dessa análise inicial estabelecemos uma base para lermos a segunda dissertação, na qual a investigação realizada está voltada para a compreensão da formação da memória e da consciência, que segundo a perspectiva assumida na obra é gerada a partir da *responsabilidade* que o indivíduo assume em uma relação que é análoga aquela da relação entre credor- devedor. Da mesma lógica relacional surge a sociedade, para que ela se estabelecesse foi necessário que o homem formasse uma memória, sendo ela fruto de demasiadas formas de violência e castigo, necessárias para inibir comportamentos instintivos que fizeram com que o homem repetisse padrões sociais e desfrutasse de seus benefícios.

A má-consciência é uma memória construída a partir da necessidade da *responsabilidade* e do conceito de *dívida* (*Schuld*), oriundos da relação humana mais antiga que se tem notícia, a relação credor e devedor. Com a repressão dos instintos e temendo o castigo, o homem, enquanto ser social, internaliza seus instintos e estes voltam-se contra si mesmo, culminando na má consciência.

O desenvolvimento da má consciência também é explicado por meio da atuação do sacerdote ascético, que invertendo a moral associada ao tipo ativo, internaliza o ressentimento, de tal forma que o tipo ressentido torna-se culpado. O sentimento de culpa agora toma proporções maiores, o ressentimento se interioriza. Sua projeção que antes externava-se, agora, com a transformação do ressentido

(reativo) em culpado, é internalizada, assim, o ressentido não procura um culpado para o seu sofrimento externo a si, mas a culpa reside em si próprio, ela é, com efeito, reativa. Essa é a função do sacerdote ascético, inverter a direção do ressentimento para o próprio indivíduo, culminando assim na ideia de *pecado*.

2 A GÊNESE DOS VALORES MORAIS: A MORAL ARISTOCRÁTICA E A ESCRAVA.

Na primeira dissertação de Genealogia da moral, intitulada “Bom e Mau”, “Bom e Ruim”, Nietzsche analisa, por meio de metodologia genealógica, filológica e histórica, a origem e desenvolvimento dos valores morais. A investigação filológica busca, a partir da origem dos conceitos, uma interpretação para a gênese e desenvolvimento daqueles valores que eles representam. Nosso filósofo busca primeiro identificar e corrigir os erros que até agora foram cometidos nas tentativas de se investigar a origem dos valores morais. Segundo ele, até o momento o estudo sobre a origem da moral foi marcado pelo erro, pois: “infelizmente é certo que lhes falta o próprio *espírito histórico*, que lhes foram abandonados precisamente pelos bons espíritos” (NIETZSCHE, 2009, p.16). A falta de uma perspectiva histórica nas abordagens anteriores é julgada pelo pensador como um erro, pois remete para considerações metafísicas que não clarificam as origens da moral.

Dessa forma, nosso autor intenciona se afastar da abordagem metafísica com que tais valores sempre foram considerados, identificando historicamente sua origem, invenção, modificação e por fim o *valor dos valores*, pois, além de poder explicar sua gênese, também os qualifica. Dessa forma, os valores são considerados aqui como gerados, não perenes e em eterno devir. Assim, “Nietzsche, com efeito, substitui a velha metafísica e a crítica transcendental e dá às ciências do homem um novo fundamento: a filosofia genealógica” (DELEUZE, 1976, p. 122). O filósofo da suspeita verifica também o erro de outro grupo de genealogistas da moral, os psicólogos ingleses, justamente por darem a gênese da moral um caráter utilitário:

“Originalmente” (...) “As ações não egoístas foram louvadas e consideradas boas por aqueles aos quais eram feitas, aqueles aos quais eram úteis (...) temos aí “a utilidade”, “o esquecimento”, “o hábito” e por fim “o erro”, tudo servindo de BASE a uma valoração (NIETZSCHE, 2009, p. 16).

Uma vez que tenha identificado o “erro”, é importante apresentar como Nietzsche busca desmistificar as explicações metafísicas e dogmáticas sobre a natureza desses valores, e em que consiste e onde reside para ele a gênese dos valores morais. Assim, ele busca na própria história do mundo, da pré-história até a modernidade através da filologia, a origem dos valores morais. Sua análise é feita a partir da identificação de dois tipos morais, a moral aristocrática e a moral escrava. O pensador chega a sua concepção genealógica, partindo de uma análise etimológica dos conceitos de “bom” e “ruim” e “bem” e “mau”, onde tais são observados como frutos da própria história humana.

A análise do nosso autor percorre da pré-história a modernidade para a classificação desses tipos morais, verificando em diversas civilizações passadas características que distinguem comportamentos sociais nobres e escravos e assim diagnosticar sua gênese. Primeiramente, o valor “bom” tem como origem a própria classificação por parte do nobre, que informa a sua diferença diante da plebe, dos escravos ou dominados.

As designações de “bom” (...) Todas elas remetem à mesma transformação conceitual - que, em toda parte, nobre, aristocrático, no sentido social, é conceito básico a partir do qual necessariamente se desenvolveu “bom”, no sentido de “espiritualmente nobre”, “aristocrático”, de “espiritualmente bem nascido”: um desenvolvimento que sempre corre paralelo àquele outro que faz “plebeu”, “comum”, “baixo” transmutar-se finalmente em “ruim” (NIETZSCHE, 2009, p.18).

Dessa maneira, nosso autor justifica tal classificação, caracterizando esses modelos morais dicotômicos, a partir de sua associação com as castas as quais estão atreladas, a partir dessa associação inicial, radicada na própria sociedade, compreende-se a origem de tais valorações. O surgimento da valoração *bom* tem sua justificação atrelada a moral aristocrática, pois segundo Nietzsche, o valorado como *bom* indica com frequência a apreciação pela qual os nobres se sentiam como homens de uma categoria superior. Dessa maneira, o conceito *bom* é tomado como uma auto valoração, um reconhecimento dos valores que regem as ações da própria estirpe, da nobreza que qualifica como *boa* sua condição forte e viril, e pode afirmar “nós, verdadeiros” - era como a nobreza da Grécia antiga chamava a si própria” (NIETZSCHE, 2017, p. 193). A auto apreciação feita pelos aristocratas sobre sua postura em relação à vida é carregada de positividade, afirmação e grandeza.

A moral afirmativa aristocrática é assim apresentada:

Esta atua e brota espontaneamente, busca seu oposto tão só para dizer sim a si mesma, com maior gratidão e maior júbilo. Seu conceito negativo, o baixo, o vulgar, o mau, é tão somente um pálido contraste, nascido mais tarde, de seu conceito básico positivo, totalmente impregnado de vida e paixão. O conceito: nós, os nobres, nós, os bons, os belos, os felizes. (NIETZSCHE, 2009. p, 5)

Dessa maneira, a gênese da valoração *bom* está atrelada a uma moral de autoafirmação na qual a ação existencial é julgada e avaliada positivamente em si mesma, não em contraposição com outras ações que são norteadas por outros valores, mas surge de ação e de espontaneidade em sua autodenominação; seu oposto dicotômico e classificado como *ruim*, surge apenas como diferenciador hierárquico quanto ao plebeu, significando a diferença entre nós, os nobres e eles *desprezíveis*. Os valores nobres, nesse sentido, surgem e se afirmam de modo espontâneo e como julgador próprio de suas ações, aquele que determina seus valores e os julga ao seu bel prazer, se autoglorificando afirmativamente.

Dessa maneira, a classificação nobre diz respeito a uma tipologia do homem guerreiro, da qual a moral nobre se origina. Sua qualificação exige também às seguintes características fisiológicas:

Os juízos de valor cavaleirescos-aristocráticos têm como pressuposto uma constituição física poderosa, uma saúde florescente, rica, até mesmos transbordante, juntamente aquilo que serve à sua conservação: Guerra, aventura, caça, dança, torneios e tudo aquilo que envolve atividade robusta, livre, contente (NIETZSCHE, 2009. p. 22).

Vale destacar que a interpretação de Nietzsche é também uma análise psicológica da formação dos valores morais. Para nosso autor, tendo todas as características citadas acima, referente a este modelo, constitui-se um tipo moral que é classificado como psicologicamente ativo, e tem como seu contraponto, o tipo reativo (ou inativo), que caracteriza a moral do escravo:

Fala-se em atividade quando a força espontaneamente, a partir da própria exuberância, explode para fora. Do mesmo modo, pode-se falar de atividade quando um ser vivo não reage de modo meramente mecânico a um estímulo externo, porém o elabora ativamente. Esta é a ativa elaboração dos estímulos

postulada por Nietzsche, com Wilhelm Roux ... Quando um excedente de força não é dado, esta só pode ser descarregada por meio de um estímulo externo, o que também pode acontecer, a despeito de sua menor potência (GIACOLA, 2001, apud BRUSOTTI, 1992, p.83).

Assim, pode-se observar que esse modelo se constitui em termos de atividade e afirmação. Não há, como já vimos, necessidade de estímulo externo para a ação aristocrática, pois ela surge de sua auto afirmação e espontaneidade, tem em si mesma seu parâmetro e sua medida de valoração. Ela é em si mesma sua provedora.

Em contrapartida, a moral escrava se constitui de maneira inversa, pois a sua geração e estimulada e está condicionada à atitude reativa em relação à moral aristocrática, assim, provém de um não-eu, de um outro, de um fora ao qual reage-se a ele. Segundo Nietzsche: “Para surgir, a moral dos escravos necessita sempre de um mundo oposto e externo, necessita, falando fisiologicamente, de estímulos exteriores para poder, em absoluto, atuar; sua ação é, desde a raiz, reação”. (NIETZSCHE, 2009, p. 54). Percebemos claramente a diferença entre as duas maneiras de se postar na existência, uma afirmativa e a outra reativa.

Assim, as características desse modelo moral obedecem a inversão da fórmula “(bom = nobre = poderoso = belo = feliz = caro aos deuses)” (NIETZSCHE, 2009, p. 23) e respeita a fórmula onde virtude = fraco = doente. Apresentam-se assim de modo parasitário, ou seja, a existência desse modelo moral está obrigatoriamente condicionada à existência de outrem, dessa maneira, sua gênese está pautada não na espontaneidade, mas se trata de uma reação de estímulo que pressupõe a existência do que é nobre. “A moral dos escravos diz não, já de antemão, a um fora, a outro, a um não eu. É esse não que constitui sua ação criadora” (NIETZSCHE, 2009,

p. 52). A moral escrava se constitui como uma inversão dos valores aristocráticos para a sua criação, nela está ausente a autenticidade da ação e tem como base as forças inativas do ressentimento. A análise desenvolvida identifica uma genealogia bem diversa para os dois tipos morais.

Tal inversão de valores ocorre a partir da chamada rebelião escrava da moral, que tem como germe o *ressentimento*, onde as forças reativas prevalecem sobre as ativas, que por sua vez, deixam de ser acionadas enquanto força. Que por sua fraqueza, incapaz de se expressar ativamente enquanto ação, torna-se algo sentido como ódio e vingança imaginária. Dessa maneira, da inatividade brota a moral escrava, como podemos observar:

A rebelião escrava da moral começa quando o próprio RESENTIMENTO se torna criador e gera valores: o ressentimento dos seres dos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária obtêm reparação (NIETZSCHE, 2009, p.26).

Essa inversão, implica no modo pelo qual é caracterizada a moral escrava. Os valores que para os aristocratas são tomados como sinônimos de virtude são invertidos, classificados agora como mau, o forte agora torna-se *mau* no sentido de

malvado de modo pejorativo, desvirtuado.

Assim, tendo características fisiológicas inferiores aos nobres, os escravos em sua impotência, conduzidos pelo ódio e ressentimento, têm como arma para a afirmação da sua *vontade de poder*, a inversão da moral, e assim se estabelecem. Segundo Marton, a moral escrava, que “(...) seria fruto do ressentimento dos fracos, que não podendo lutar contra os mais fortes tentaram vingar-se através desse artifício” (MARTON, p. 83-84). O artifício de inversão dos valores nobres é utilizado pelos

escravos para compensar a sua inferioridade, a moral nesse sentido torna-se o seu trunfo diante dos nobres.

Nietzsche remonta aos judeus a responsabilidade da derrocada dos valores nobres e ao estabelecimento da moral escrava. A moral sacerdotal, caracterizada pela impotência e impossibilidade de uma reação verdadeira, criam a estratégia engenhosa da inversão moral, como arma contra os poderosos e nobres: “Os judeus, aquele povo de sacerdotes que soube desferrar-se de seus inimigos e conquistadores apenas através da radical transvaloração dos valores deles, ou seja, por um ato da mais espiritual vingança” (NIETZSCHE, 2009, p. 23). Nesse sentido, a moral escrava tem como ato criador de seus valores o próprio ressentimento, através de uma vingança imaginária, pois na ação estariam eles impossibilitados.

A rebelião escrava da moral, como vimos, inverte as virtudes dos poderosos como *bom*, *forte*, *virtuoso* e as transmuta em *mau* (no sentido de malvado) aos olhos do escravo ressentido:

O processo de instituição de valores pelos escravos tem por pressuposto, portanto, um processo de inversão. O bom, da perspectiva da moral escrava, é o oposto, o inverso, do bem afirmado pela moral aristocrática. Do mesmo modo, em seu conceito “bom” se reúnem todos os atributos e qualidades agrupados sob o conceito de ruim da moral dos nobres (GIACOIA, 2001, p.79).

Por meio da estratégia do envenenamento, o sacerdote judeu ressentido, opera a *transvaloração de todos os valores*, desvirtuando as características dos valores nobres, e oferecendo como substituto valores que transformam o homem em um ser domesticado, doente, frágil, características resumidas por Nietzsche no termo francês *decadent*. O que pode-se definir como enfraquecimento do homem, transformado de um tipo sadio e forte em um tipo fraco, e tal modificação é uma consequência da valoração moral. Pois:

(...)o povo venceu - “os escravos”, ou “a plebe”, ou “o rebanho”, ou como quiser chamá-lo se isto aconteceu graças aos judeus, muito bem! jamais um povo teve uma missão maior na história universal. “Os senhores foram abolidos; a moral do homem comum venceu (NIETZSCHE, 2009, p. 25).

Nesse sentido, assinalamos que diferentemente da moral aristocrática, que classifica os valores tendo como base a diferenciação hierárquica e social das castas, a moral escrava classifica os valores como *bom* e *mau*, por meio da *inversão* das ações ou valores nobres, configurando a *inversão* como característica fundamental da moral escrava.

A caracterização psicológica da moral escrava realizada por Nietzsche, sintetizada no conceito de *ressentimento*, é baseada na suposta necessidade dos escravos de, instintivamente procurarem uma causalidade de seu sofrimento, um culpado de toda a sua desgraça existencial, a sua dor e seu sofrimento. Ao contrário

da moral aristocrática, o escravo não descarrega suas pulsões na ação, mas as internaliza, fazendo imaginariamente uma *vingança* contra o agente de seu sofrimento, modo pelo qual lida com seu sofrimento, seu narcótico: “O tipo ressentido é aquele no qual ocorre uma inibição ou bloqueio na capacidade de descarga de energias e afetos em direção ao exterior”. (GIACOLA, 2001, p. 83). Essa carga ocorre, pois, por incapacidade de vingar-se de modo ativo, a vingança ocorrendo de maneira imaginária é internalizada. Dessa forma ocorre o envenenamento a partir da moral do

ressentimento, “os fortes são vencidos quando se deixam envolver pelo mundo imaginário da moral do ressentimento” (SAFRANSKI, 2005, p. 276).

Assim como o escravo, o aristocrata também enfrenta adversidades, porém o modo de lidar com suas aflições e instintos não são interiorizadas, pois a ação é realizada enquanto ato e não enquanto *representação* ou *imaginação* desse ato. Dessa maneira, a adversidade não se interioriza como ressentimento, como atitude que o envenene continuamente, mas é exteriorizado e relacionado à atividade, há nesse caso uma descarga psíquica e instintiva.

A capacidade de liberar-se do sofrimento por meio da ação afirmativa é o que diferencia a resposta do tipo aristocrático daquela do tipo escravo, “essa diferença está ligada à eficácia da descarga externa, bem como à potência da capacidade ativa de esquecimento” (NIETZSCHE, 2009, p.84) que o aristocrata carrega. Assim, veremos como a evolução da memória a partir da violência desenvolve um homem cada vez mais reativo e domesticado, e como tais elementos são determinantes para a formação da sociedade.

3 O CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO DOS VALORES: A VIDA ENQUANTO VONTADE DE POTÊNCIA

Em seu procedimento genealógico, Nietzsche não busca apenas descrever os valores morais, mas também avaliá-los, dessa forma, retratando o valor desses valores. Mas seu julgamento sendo extra moral, não toma como base os critérios avaliativos da própria moral, o que o conduz a buscar outros critérios para avaliar tais morais. Dessa maneira, Nietzsche toma a vida como critério de avaliação, esta enquanto *vontade de potência* (*Der Wille zur Macht*). Por sua vez “Torna-se necessária, pois, adotar um critério de avaliação que, por sua vez, não possa ser avaliado, caso contrário, haveria um círculo vicioso” (MARTON, p. 86). Para se afastar do círculo vicioso de julgar os valores morais a partir dos próprios valores morais, a genealogia nietzschiana busca tomar como base outros critérios para avaliá-los, e vai encontrar tais critérios na própria força vital, no dinamismo da vida.

Podemos definir a vontade de potência como “a força primitiva do afeto” (...) “Toda força motriz é vontade de potência, fora dela não existe nenhuma força física, dinâmica ou psíquica” (MACHADO, p. 50). A vida, nesse sentido, tem em si um constante querer que sempre se estende em busca do máximo de poder. Sendo a vontade de potência a constituição e força motriz de tudo, e a busca extensiva pelo aumento de suas forças. Ela por sua vez expressa-se de diversas formas, com efeito, tanto de maneira ativa, como também de modo reativo. Segundo Deleuze:

Segundo sua diferença de quantidade, as forças são referidas como dominantes ou dominadas. Segundo sua qualidade as forças são referidas como ativas e reativas. Existe vontade de poder na força reativa ou dominada assim como na força ativa ou dominante (DELEUZE, 1976, p.43).

Enquanto manifestação ativa, a vontade de potência expressa-se enquanto *vontade de vida*, que tem como primazia os instintos ativos que buscam o poder através do apoderamento, da crueldade, da excessividade a sua afirmação. Para o filósofo da suspeita: “a vida atua ofendendo, violentando, explorando, destruindo, não podendo sequer ser concebida sem esse caráter” (NIETZSCHE, 2009, p.60), nosso autor classifica hierarquicamente o modo de manifestação ativo enquanto primordial, pois é uma manifestação da própria *vontade de vida*, de efetividade que manifesta-se na ação enquanto afirmadora da vida, a força dominante e criadora de valores.

Mesmo uma força sendo reativa, como vimos, busca constantemente um aumento de seu poder, uma elevação de suas forças. Exemplo disso, como vimos é a moral do ressentimento, que tornou-se vitoriosa justamente porque a vontade de poder se manifesta em toda vida, e mesmo reativa tem como mira seu próprio fortalecimento e domínio: “a vontade de poder encarnada, quererá crescer, expandir-se, atrair para si, ganhar predomínio, não devido a uma moralidade ou imoralidade qualquer, mas porque vive, a vida é precisamente vontade de poder” (NIETZSCHE, 2007, p. 155). Esse aumento de poder, porém, tem como referência a própria fraqueza, tratando-se, com efeito, de uma vontade que nega a vida, uma vontade doente. A moral reativa, nesse sentido, é uma manifestação reativa e imaginária da força ativa, um desejo pela força que não tem, uma vontade degenerativa hostil à vida.

Dessa forma, representa não através dos instintos fortes, de guerra e atividade que são por sua vez criadores, mas sim de *conservação*, defesa e adaptação (atividade de segunda ordem) inibidora dos instintos vitais: “A vontade de conservação é a expressão de uma situação desesperada, de uma restrição do instinto vital que, por sua natureza, aspira a uma extensão de potência e por isso frequentemente põe em jogo e sacrifica a própria conservação” (MACHADO, 2002, p. 69). Para nosso autor, esse tipo de força *reativa*, de conservação e adaptação expressa um nojo ao homem, uma *negação da vida* (niilismo) que colocou o homem ao longo da história em uma condição doentia, causando o envenenamento através de uma vingança inativa contra a os instintos fortes e afirmadores da vida por meio do ressentimento. A moral escrava, nesse sentido:

(...) desconhece a essência da vida, a sua vontade de poder; com isto não se percebe a primazia fundamental das forças espontâneas, agressivas, expansivas, criadoras de novas formas, interpretações e direções, forças cuja ação necessariamente precede a “adaptação”; com isto nega, no próprio organismo, o papel dominante dos mais altos funcionários, aqueles nos quais a vontade de vida aparece ativa e conformadora (NIETZSCHE, 2009, p.62).

Entretanto, esse mesmo instinto de conservação é negador da vida, o homem do ressentimento busca sua redenção de forma *niilista*, em um “além-mundo” buscando afirmar-se negando a própria vida, sua efetividade e seus instintos criadores, pois “o homem preferirá ainda querer o nada a nada querer...” (NIETZSCHE, 2009, p. 140). Desta forma, manifesta-se a vontade degenerativa na busca de sentido, na negação da vida, no nada. Com a sua preponderância na cultura através da inversão hierárquica das forças, os instintos fundamentais da vida são, com efeito, debilitados, culminando assim em uma cultura na qual prevalecem instintos *decadentes* ante os *ascendentes*.

4 O PAPEL DA MEMÓRIA NA GÊNESE DA CULPA: A TRANSFORMAÇÃO DO TIPO ATIVO EM CULPADO NA ANTROPOPOIESE.

A partir de todas as informações já mencionadas, nossa análise agora busca compreender como Nietzsche explica o estabelecimento da memória e consciência e sua relação com a culpa ou má consciência. Apresentaremos como foi possível sua gênese e desenvolvimento na antropopoiese.

Antes de prosseguirmos com a sua gênese, verificaremos a capacidade ativa oposta à memória, o esquecimento. O estabelecimento e desenvolvimento da memória marca também a vitória das forças reativas sobre as ativas na transvaloração dos valores, pois a própria consciência é gerada a partir da necessidade do fraco conseguir fazer prevalecer sua *vontade de poder*. O esquecimento atua enquanto

força ativa e reguladora da saúde e deixa de ser acionado. Dessa forma, no processo de antropopoiese a inatividade das forças reativas constroem um homem doente, castrado e infeliz. Através da necessidade reativa se desenvolve a consciência, torna-se o homem, como veremos, substancialmente decadente:

Eis a utilidade do esquecimento, ativo, como disse, espécie de guardião da porta, zelador da ordem psíquica, da paz, da etiqueta (...) Precisamente esse animal que necessita esquecer, no qual esquecer é uma força, uma forma de saúde *forte*, desenvolveu em si uma faculdade oposta, uma memória (NIETZSCHE, 2009, p.43).

Nietzsche relaciona o advento da memória com a *responsabilidade*, que remete à necessidade do homem de estabelecer vínculos, de constituir uma memória das ações que o torna mais confiável, do que deve ser constante e necessário. Esse dinamismo faz com que o indivíduo seja portador de uma identidade, capaz de fazer e confiar em promessas:

(...) a tarefa imediata de tornar o homem até certo ponto necessário, uniforme, igual entre os iguais, constante e portanto confiável (...) o autêntico trabalho do homem em si próprio, durante o período mais longo da sua existência, todo esse trabalho pré-histórico encontra nisto seu sentido, sua justificação (...) com a camisa de força social, o homem foi realmente se tornando confiável (NIETZSCHE, 2009, p.44).

Mas como foi possível ao bicho-homem perdurar uma memória? Nosso autor relaciona o desenvolvimento mnemotécnico através da sensação de dor, da violência, que atuam como condição fundamental pela qual se tornou possível cravar no bicho-homem uma memória. Nosso autor descreve o procedimento mnemotécnico como o axioma psicológico mais antigo da terra: “Grava-se algo a fogo, para que fique na memória: “apenas o que não cessa de dor fica na memória (...) jamais deixou de haver sangue quando o homem sentiu a necessidade de criar em si uma memória” (NIETZSCHE, 2009, p. 46). A necessidade de sobrevivência exige que se memorize o que é agradável e desagradável, o que é perigoso e o que reconfortante.

Torna-se, assim, o homem, portador de uma memória, através da dor com o auxílio da violência e do castigo. Através da memória, o homem se torna também mais confiável, uniforme e doméstico, o que culmina, por sua vez, em consciência moral. Tais características são determinantes para a consolidação de hábitos e estabelecimento de vínculos que possibilitam ao homem (pré-histórico) um novo

modo de existir, tornando possível, assim, futuramente um homem gregário necessário para a instituição de sociedades, e tal processo desemboca na má consciência.

A má consciência tem seu germe e segue à lógica da relação humana mais antiga de que se tem notícia, a relação entre *credor* e *devedor*, através do conceito de *dívida*, relação a partir da qual também surge o conceito de justiça, como ideia de pagamento da dívida, um reparo ao dano causado. A partir dessa relação, anterior até mesmo a sociedade, tornou-se possível ao homem desenvolver sua capacidade de se tornar confiável, estável, de calcular valores, medir seus atos e projetar suas consequências futuras, fazendo com que o bicho-homem superasse, assim, a sua condição animal:

(...) foi então que pela primeira vez defrontou-se, mediu-se uma pessoa com outra. Não foi ainda encontrado grau de civilização tão baixo que não existisse algo dessa relação. Estabelecer preços, medir valores, imaginar equivalências, trocar (...) Comprar, vender, juntamente com seu aparato psicológico, são mais velhos inclusive que qualquer forma de organização social ou aliança (NIETZSCHE, 2009, p. 55).

Essa relação é movida pelas noções de *dívida* e *justiça*, pois ao não cumprir com o compromisso firmado na relação, o credor busca reparar seu prejuízo através do castigo, do poder de subjugar outrem, dando origem a noção de *justiça*. Considerando que todas as coisas podem ser pagas, uma noção de valor é afirmada:

Satisfação de quem pode livremente descarregar seu poder sobre um impotente, a volúpia (...) o prazer de ultrajar: tanto mais estimado quanto mais baixa for a posição do credor na ordem social (...) através da punição ao devedor, o credor participa do um *direito dos senhores* (NIETZSCHE, 2009, p. 50).

Através do prazer do ultrajar, da punição, da volúpia do castigo e do exercício de seus instintos sobre o devedor, considera-se assim o caráter ativo da dívida, onde não há aqui, como veremos, uma supressão ou internalização dos instintos e da dor, mas sim sua expressão e atividade através da crueldade do castigo. O gozo em causar dor, nesse caso, torna-se moeda de troca nessa relação para a efetivação da justiça.

Nessa esteira, torna-se essa relação modelo fundamental para a formação da sociedade. Através do conceito de *moralidade do costume*, descrito em *Aurora*, como colocado por Filho: “A moralidade do costume é todo o processo de constrangimento, violência e coerção a que o indivíduo pré-social foi submetido” (FILHO, 2020, p. 27). Dessa maneira, com a repetição padronizada por meio da submissão de regras submetidas à violência, imprime-se uma memória no bicho-homem desenvolvendo nele uma *identidade moral*, nesse processo, os comportamentos danosos à estrutura social são retidos por meio do seu adestramento através do castigo, e a partir dessas relações observadas entre os humanos, se desenvolve a sociedade com seus conceitos de *dívida*, *responsabilidade*, *castigo* e *justiça*.

Com a tremenda força repressora da sociedade através da crueldade, do castigo, da lógica credor e devedor tendo em vista o instinto de conservação, desenvolve-se gradativamente um homem civilizado, que temendo o castigo, obedece às leis cujo não cumprimento é submetido à repreensão da sociedade:

(...) a existência em comum sob a camisa-de-força da sociedade e do Estado exige, como condição fundamental de possibilidade, que dela seja banido definitivamente tudo o que constituía a força e a prosperidade do animal-homem: a agressividade, a hostilidade, o egoísmo natural, o prazer na perseguição e na mudança, a vida errante, selvagem, vagabunda (GIACOIA, 2001, p. 115).

Dessa maneira, uma conexão entre memória e instinto de conservação, garante ao indivíduo que se: “vivesse numa comunidade, desfruta-se as vantagens dessa comunidade, vivesse protegido (...) o indivíduo se empenha e compromete com a comunidade. Que sucederá caso contrário? A comunidade, o credor traído, exigirá pagamento (...)” (NIETZSCHE, 2009, p.55-56), toda hostilidade é despejada sobre o infrator, e a sociedade, visando manter os costumes estabelecidos, pune o criminoso reduzindo ao seu estado de liberdade, de tal modo que os benefícios promovidos pela comunidade são negados a ele.

A necessidade de construir uma memória com o objetivo de criar uma identidade, uma forma de submissão que promova o respeito às regras da consciência moral, de costumes coletivos, exige uma força repressora, assim, segundo Machado:

A força coercitiva, repressora do estado atendo-se sobre uma tirania terrível, sobre uma população nômade, selvagem livre, desvalorizou abruptamente os instintos- instintos de liberdade reguladores da vida, inconscientemente infalíveis, reduzindo esse a semi-animais, ao pensamento, a consciência, “a seu órgão mais miserável e mais sujeito ao erro (MACHADO, 2002, p.65).

Com efeito, a má consciência forma-se justamente em relação a criação e desenvolvimento da sociedade, pois, o indivíduo impossibilitado de extrapolar seus instintos de *liberdade* devido às regras sociais, os suprime, assim, estes voltam-se contra seus proprietários, são, com efeito, interiorizados. Essa é a origem da má consciência, esse instinto coibido de se exteriorizar, uma força reativa em prol do ser gregário, social e domesticado através da violência, do medo do castigo que inibe tal força de se expressar: “Em geral, se consegue com o castigo, em homens e animais, é o acréscimo do medo, a intensificação da prudência, o controle dos desejos: assim o castigo *doma* o homem, mas não o torna “melhor” (NIETZSCHE, 2009, p. 66), voltar- se para dentro, contra si mesmo, é o modo que a força ativa se torna reativa, e o homem se interioriza.

Com efeito, podemos compreender que a vida pré-civilizada era conflituosa, cruel e os instintos violentos e de dominação eram em grande parte descarregados sobre os semelhantes mais fracos. Examinamos, assim, que a formação da má consciência está relacionada à transformação do tipo ativo em culpado através do conceito de dívida em relação à comunidade, nela o homem tem a necessidade de reprimir seus instintos vitais de liberdade, e o não exercício desses instintos, por sua vez, promovem sua internalização, e eles por consequência, voltando-se contra si mesmos, se transformam em má consciência.

Dessa maneira, a repreensão engendrada a partir da inativação das forças ativas, da inibição da vontade de poder, tendo em vista a manutenção dos costumes coletivos que engendram a sociedade, a má consciência vem a tona no agora homem gregário, doméstico e confiável, nesse sentido, a espécie: “é enfraquecida, tornada menos prejudicial, e por meio do afeto depressivo do medo, por meio da dor, por meio das feridas, por meio da fome, converte-se em besta doente” (NIETZSCHE, 2019, p. 50), com essas características o desenvolvimento e estabelecimento da

moral no processo civilizatório se torna possível. Veremos agora como a má consciência se desenvolve e adquire um sentido ainda mais profundo através do ressentimento.

5 A TRANSFORMAÇÃO DO TIPO RESSENTIDO EM CULPADO: A OUTRA ORIGEM DA CULPA

Nosso autor também associa a má-consciência a um segundo modo de manifestação, este é retratado na terceira dissertação, onde ocorre “a transformação do ressentido em culpado realizada pelo padre ascético” (MACHADO, 2002, p. 66). Dessa forma, o ressentido para conservar-se busca instintivamente um culpado que seja responsabilizado pelas suas aflições, uma causa para descarregar seus afetos para atribuir a sua desgraça, seu sofrimento, segundo o filósofo alemão: “Alguém deve ser o culpado de que eu esteja mal” - esta maneira de raciocinar é comum a todos os doentes” (NIETZSCHE, 2009, p.109).

Nessa esteira, o sacerdote ascético inverte o sentido do ressentimento. A vingança imaginária do ressentimento enquanto força reativa agora não está mais direcionada para o exterior, não havendo, portanto, canal para extravasar essa força, ela retorna ao próprio indivíduo, causando ainda mais dor, pois o “seu pastor, o sacerdote, lhe diz: “Isso mesmo, minha ovelha! Alguém deve ser culpado: mas você mesma é esse alguém - *Somente você é culpada de si!...*” (...) a direção do ressentimento é – *mudada*”. (NIETZSCHE, 2009, p.109). Seria este, portanto, o papel sacerdotal, o de alterar a direção do ressentimento de seu rebanho, aproveitando os instintos degenerescentes para auto disciplinamento, autovigilância e autos superação do rebanho doente.

O que antes era no ativo responsabilidade-dívida, torna-se com o sacerdote ascético responsabilidade-culpa. De forma inversa ao tipo ativo, em que a dívida está relacionada a uma atividade cultural e civilizatória, o conceito de *responsabilidade-culpa*, tendo seu germe no ressentimento, seu sentido é internalizado, *espiritualizado*, nesse sentido culmina no mais pulsante sentimento de culpa. Segundo Nietzsche: “(...) o advento do Deus cristão, o deus máximo até agora alcançado, trouxe também ao mundo o máximo de sentimento de culpa” (NIETZSCHE, 2009, p.73). A dívida- culpa em seu caráter religioso-metafísico é totalmente aprofundada, a ponto de agora o devedor estar impossibilitado de abatê-la, pois é impagável e sua fonte inesgotável. A dívida tem como causa a origem do homem, que se confunde com a origem do próprio *mal*. O sentimento de culpa referente ao *pecado original* nunca parou de fabricar cada vez mais dor no homem durante a história.

Dessa forma, a herdada dívida do homem com Deus não pode ser redimida, a ponto que o credor tenha que assumi-la. O próprio Deus, nesse sentido, paga a dívida que ele mesmo criou para salvar os pecadores, os homens:

(...) com impossibilidade de pagar a dívida, se concebe também a impossibilidade de penitência, a idéia de que não se pode realizá-la (o “castigo eterno”); mas, finalmente se voltam até mesmo contra o “credor” (...) o próprio Deus se sacrificando pela culpa do homem, o próprio Deus pagando a si mesmo, Deus como único que pode redimir o homem daquilo que para o próprio homem se tornou irredimível (NIETZSCHE, 2009, p. 74-75).

O sacerdote imputa à culpa seu grau e valência máxima, pois a concebe como

pecado. A partir da dívida que o homem tem que pagar, dor herdada de um acontecimento do passado entendido agora como castigo do *pecado original*, a culpa é transformada em pecado, e nessa dinâmica construída na esfera religiosa, “apenas nas mãos do sacerdote, esse verdadeiro artista em sentimento de culpa, ele veio a tomar forma - e que forma! O “pecado” (...) nele temos o mais perigoso artifício da interpretação religiosa” (NIETZSCHE, 2009, p. 120). A partir da mesma lógica vista na relação prática entre credor-devedor, tanto no homem pré-civilizatório como também na sua vivência gregária em sociedade, se reproduz a dívida em seu caráter metafísico. Nessa esteira, com efeito, transfigura-se na lei do *direito eterno*, “Como pode haver redenção, se há um direito eterno? não se pode remover a pedra do passado: é mister que todos os castigos sejam também eternos!” (NIETZSCHE, 2011, p.162). No âmbito da dimensão religiosa, quando a culpa é valorada como pecado, não há caminho para superação, pois se o direito divino é eterno, a culpa e o castigo também o são, e não há possibilidade para a redenção.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos no presente texto que Nietzsche, buscando se desvencilhar das explicações metafísicas, busca por meio do método genealógico um fundamento para investigar a gênese e desenvolvimento dos valores morais, configurando a sua filosofia como uma genealogia dos valores morais. Ele postula interpretar esse processo de constituição dos valores através de dois tipos que segundo ele agrupariam os comportamentos morais identificados, o tipo moral aristocrática e o tipo moral escravo. O primeiro tem como fonte de caracterização moral o seu próprio orgulho nobre, dessa forma, caracteriza-se espontaneamente como nobre, este se auto valoriza como *bom*, cuja valoração consiste em se distinguir do outro tipo, associado como moral do escravo. O escravo, que tem como fonte de sua moral o *ressentimento* contra os nobres, inverte a valoração moral nobre e a caracteriza como *mal*, como ação que deve ser evitada, combatida e abolida. Dessa forma, o escravo busca se distinguir da ação *nobre*, e apresenta a sua própria moral como uma arma contra os vigorosos instintos aristocráticos. Com a vitória desse tipo moral, a cultura passa a ser formada por valores de fraqueza caracterizados como decadentes.

Nosso autor tem como meta não apenas a tarefa de verificar a gênese e desenvolvimento dos valores morais, mas também, colocar os valores em jogo avaliando o valor desses valores. Porém, não toma como modelo para essa avaliação a valoração apresentada em algum modelo moral concorrente, mas postula uma investigação externa, extramoral, apresentando como referência a própria vida enquanto fundamento para a valoração dos valores, a considerando enquanto *vontade de potência*, que nesse sentido é considerada a força vital fundamental da vida. O uso dessa noção possibilita que Nietzsche considere hierarquicamente as forças, dando prioridade aos instintos fortes, ativos e criativos em detrimento dos instintos fracos de adaptação, reativos e adaptativos. Como a *vontade de potência* não está restrita apenas ao agir moral, pois, mas manifesta-se em toda natureza, o filósofo argumenta que a vitória dos instintos reativos, e a inibição e condenação dos instintos ativos é um testemunho da decadência.

Nesse sentido, a memória tem papel fundamental para que o homem, com o passar do tempo, crie, desenvolva e se adapte à sociedade de modo cada vez mais reativo, tornando possível sua vida gregária em sociedade. Através da violência repetitiva, a memória se desenvolve e por medo da repreensão da sociedade, almejando alcançar e desfrutar dos benefícios que essa lhe oferece, o homem

reprime seus instintos fortes e se torna cada vez mais doméstico, confiável e padronizado, seguindo a lógica da relação humana mais antiga, a relação credor-devedor. Justamente dessa repreensão surge a má consciência e a culpa, a interiorização da força ativa dos instintos que se voltam contra o próprio indivíduo.

Por fim, recorrendo ao papel do sacerdote ascético, Nietzsche afirmará que essa culpa associada ao processo civilizatório terá seu potencial negativo elevado, quando o homem já ressentido, passa a descarregar o ressentimento em si mesmo, não mais em outrem, assim, a culpa do seu sofrimento antes direcionada a um fora de si, é invertida para si mesmo, e essa é a função do sacerdote ascético, a de inverter o sentido do ressentimento, culminando assim, no pecado.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

FILHO, José da Mata. **Hobbes e Nietzsche: Concepções sobre a formação do estado e inserção no debate político contemporâneo**. Monografia (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba. Paraíba, p. 45, 2021.

GIACOIA, Oswaldo. **Nietzsche como psicólogo**. Rio Grande do Sul: Editora Unisinos, 2001.

MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a Verdade**. Rio de Janeiro: Graal, 2002.
MARTON, Scarlett. **Nietzsche - Das forças cósmicas aos valores humanos**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do “bem” e do “mal”**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral: Uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falava Zaratustra: Um livro para todos e para ninguém**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a mim mesmo por tornar possível essa realização, às minhas dores e momentos de dificuldades, pois serviram como elemento de superação e de grande ensinamento para meu crescimento pessoal e intelectual.

Ao Departamento e Coordenação do Curso de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba.

Ao estado e ao povo da Paraíba, pelos quais adquiri muito carinho, e pude chamar de casa nessa passagem para minha vida adulta e meu trajeto no Curso de Filosofia, onde desejo futuramente retornar esse investimento da minha graduação.

Ao corpo docente do Curso de Filosofia, especialmente ao professor Julio Cesar Kesting, por ceder os livros que tornaram possível a construção desse trabalho e por todo apoio e preocupação para a realização do mesmo. Ao professor José Nilton Conserva de Arruda, por me orientar e tornar melhor esse projeto.

À minha mãe, Fabiana, meu pai Editoni e aos meus irmãos Richard e João Victor por tornarem possível minha vinda para a cidade de Campina Grande e a minha permanência nos primeiros anos.

Aos meus amigos de turma e de vida, com quem compartilhei momentos de grande alegria e aprendizado nas mesinhas e no “Jardim de Epicuro” da UEPB: Ana Flávia, Antermorgenes, Elizama, Manuely, Elton John e Liliane.

Ao meu amigo Jean Felix, pela parceria nos momentos tenebrosos.

Às queridas Cecília Clara, por estar comigo nos momentos complicados, Sahra, pela parceria e amizade, e Iohanna, porque me fez da família.

A Nietzsche, meu educador.